

1 INTRODUÇÃO

[Neste] livro compartilhamos a experiência de aplicação de um modelo teórico a um campo de pesquisa. E a escolha desse campo não poderia ter mais adequada, pois o LAVID representa um campo de excelência dentre os vários laboratórios de alto nível em atividade na Universidade Federal da Paraíba. Nele, os níveis de atuação universitária de ensino – pesquisa – extensão estão muito bem representados.

Por sua vez, o modelo aplicado mostrou-se à altura da experiência, permitindo à investigação comprovar as hipóteses e aos investigadores a satisfação de realizar uma pesquisa com os resultados esperados e até além.

Coordenadores e pesquisadores do LAVID mostraram-se à altura do desafio de ver suas ações analisadas e os resultados desafiados pelo olhar crítico da pesquisa. Por isso mesmo o LAVID merece nossa atenção e respeito, por sua atuação e seu compromisso com o que faz, pela pesquisa mediada pelo ensino e com vistas à extensão.

Por isso esta é uma história que gostamos de contar, uma história de sucesso e de amor das pessoas àquilo que fazem. E achamos que vocês vão gostar de ler.”

2 ORGANIZAÇÃO DO TEXTO

A pesquisa, cuja publicação em livro compartilhamos nesta resenha, aborda a ambiência das ações de informação no Regime de informação (Ri) de um laboratório de pesquisa em Ciência da Computação com o objetivo de analisar as reais características, fronteiras e hibridações nessa forma acadêmica de vida.

Nesse sentido foram observadas as ações de informação no âmbito do Laboratório de Aplicações de Vídeo Digital (LAVID) do Departamento de Informática da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). De forma mais específica, observamos a articulação dos elementos que configuram ou representam esse regime (atores, dispositivos, artefatos e ações de informação) no *site* do LAVID (um objeto informacional de interface), campo empírico da pesquisa. Acreditamos que um Ri se constitua e se legitime através das “ações de informação” executadas por indivíduos ou equipes (atores sociais), no espaço onde estão circunscritos os elementos fundamentais que gerenciam, compõem ou direcionam o fluxo de toda produção, organização, comunicação e transferência de informações.

Nesse contexto, a pesquisa caminhou na direção da análise do processo de produção colaborativa de objetos “límitrofes”, ou “objetos informacionais de interface”, em um dado espaço social, os quais, por sua vez, atuam sobre os elementos do próprio Ri, evidenciando um processo de Inteligência Coletiva entre seus atores sociais.

Nosso objeto de estudo constitui-se como espaço acadêmico-científico que singulariza sua própria “forma de vida”, qual seja: um laboratório de pesquisa no campo da Ciência da

¹ Doutor em Ciência da Informação. Universidade Federal de Campina Grande. <https://orcid.org/0000-0002-3619-8384>

² Doutora em Ciência da Informação. Universidade Federal da Paraíba. Bolsista de Produtividade CNPq. <https://orcid.org/0000-0001-7603-1872>

Computação. Acreditamos ser este um espaço social propício à identificação, observação e análise de dispositivos, domínios, tipologias, modalidades e artefatos de informação à luz do conceito de *Ri*. Para Collins e Kusch (1999, p. 11),

As pessoas que integram uma mesma forma de vida compartilham uma rede comum de conceitos e ações. Em outras palavras, elas dividem os mesmos conceitos porque elas compartilham de uma gama de ações possíveis, e elas executam as mesmas ações porque compartilham da mesma rede de conceitos. Ações e conceitos estão indissolúvelmente ligados porque as intenções são conceituais e porque os conceitos orientam as ações. Assim, os atores sociais, no contexto de uma forma de vida.

Nossa hipótese de trabalho propôs que a “cultura informacional” compartilhada pelos “atores”, ou sujeitos, de um dado espaço social contribui para a caracterização e desenvolvimento de um específico *Ri* e, conseqüentemente, para ‘emergência’ de uma inteligência coletiva nessa forma de vida.

Isso posto, caminhamos na busca de pistas ou indícios que nos levassem a respostas para a questão formulada, confirmando ou não nossa hipótese de pesquisa, orientados pelo objetivo que motiva nossa investigação. Nesse sentido, buscamos discutir o assunto referente ao tema, com o propósito de produzir um mapeamento que nos permitisse analisar a construção de espaços sociais na perspectiva do *Ri*, observando situações e processos que propiciem o desenvolvimento de competências informacionais, bem como a disseminação e democratização do conhecimento técnico-científico em prol de uma inteligência coletiva (FREIRE, 2016b; LÉVY, 1999a).

2 O OLHAR INTERDISCIPLINAR

Ao longo da sua história, a análise dos diversos fenômenos relacionados ao seu objeto de estudo — *informação* — permanece sendo o principal foco da pesquisa em Ciência da Informação. Dentre seus espaços ou campos de análise, “podemos destacar a memória, a organização, o acesso, o uso, a ética, a gestão e as políticas de informação” (FREIRE; FREIRE, 2015, p. 155).

Tais “tramas do saber”, geralmente oriundas da relação e geração de produtos, serviços, aliada a organização da informação e utilização de tecnologias de recuperação para seu acesso e uso, auxiliam a construção da rede conceitual da Ciência da Informação.

Transformações ocorridas no capitalismo industrial devido a uma maior participação do Estado na economia após a I Guerra Mundial provocaram o desenvolvimento científico e tecnológico, e conseqüentemente, o crescimento exponencial da informação. É nesse momento que a informação ancorada na harmonia ciência-tecnologia se caracteriza como a base para o progresso econômico da sociedade moderna. Esse fato em si, já é um prenúncio do advento da Ciência da Informação. No entanto, somente a partir da década de 60 é que realmente são abordados seus primeiros conceitos e definições, bem como iniciados os debates sobre as suas origens e fundamentação teórica.

Sendo assim, podemos inferir que a Ciência da Informação se origina de um problema de produção científica crescente, cuja solução está vinculada à comunicação técnico-científica. Foskett (1973, p. 56), refere-se à Ciência da Informação como

[...] uma disciplina “que surge de uma fertilização cruzada de ideias que incluem a velha arte da Biblioteconomia, a nova arte da Computação, as artes dos novos meios de comunicação”, e as ciências como a Psicologia e a Linguística atualmente envolvidas com o processo e o problema da

comunicação que dizem respeito à transferência da organização do pensamento.

De forma sucinta podemos dizer que a Ciência da Informação transita com facilidade nas “águas” e fontes da biblioteconomia e computação, priorizando a investigação das propriedades e fluxo da informação, bem como dos meios de processamento para seu efetivo acesso e uso. Da primeira ela herdou técnicas e padrões já fortemente estabelecidos e da segunda ela agregou as ‘novas’ tecnologias da informação. Sendo assim, se encaixa de forma sucinta na definição clássica de Borko (1968, p. 3, tradução nossa), publicada no periódico *American Documentation*, quando diz:

Ciência da Informação é a disciplina que investiga as propriedades e o comportamento informacional, as forças que governam os fluxos de informação, e os significados do processamento da informação, visando à acessibilidade e a usabilidade ótima.

A Ciência da Informação está preocupada com o corpo de conhecimentos relacionados à origem, coleção, organização, armazenamento, recuperação, interpretação, transmissão, transformação, e utilização da informação. Isto inclui a pesquisa sobre a representação da informação em ambos os sistemas, tanto naturais quanto artificiais, o uso de códigos para a transmissão eficiente da mensagem, bem como o estudo do processamento e de técnicas aplicadas aos computadores e seus sistemas de programação.

É uma ciência interdisciplinar derivada de campos relacionados, tais como a Matemática, Lógica, Linguística, Psicologia, Ciência da Computação, Engenharia da Produção, Artes Gráficas, Comunicação, Biblioteconomia, Administração, e outros campos científicos semelhantes. Têm, ambos, componentes, de ciência pura visto que investiga seu objeto sem considerar sua aplicação, e um componente de ciência aplicada, visto que desenvolve serviços e produtos.

Neste sentido, Oliveira (2005) e Saracevic (1996), dentre outros, destacam dois momentos que influenciaram este processo: o crescimento de informações registradas, no século XIX, com a Revolução Industrial em toda a Europa e nos Estados Unidos; e, no século XX, o crescimento exponencial da produção técnico-científica, após a Segunda Guerra Mundial. A partir desse contexto, Saracevic (1996, p. 18) conclui que “[...] a compreensão histórica da Ciência da Informação está necessariamente ligada às características ou razões que constituem sua tríade: natureza originalmente interdisciplinar; fundamento na tecnologia da informação; informação como objeto de estudo”.

A partir da necessidade de harmonização dessa tríade, a gestão da informação adquiriu, enquanto política pública, importância estratégica perante os governos mundiais, principalmente no que se refere a setores como Ciência e Tecnologia (C&T). Vannevar Bush preocupado com o gerenciamento da informação e os conceitos desenvolvidos em Ciência e Tecnologia foram um dos primeiros a alertar o mundo acadêmico, governantes e órgãos de Estado, para o desenvolvimento de programas estratégicos ao efetivo controle da “explosão informacional”.

A Ciência da Informação teve seu aparecimento e expansão no pós-guerra, principalmente a partir de 1950, quando pesquisas e documentos mantidos fora do fluxo normal de informação foram liberados para o conhecimento coletivo. [...] A grande crise da época era, então, como lidar com o enorme volume de informação disponibilizada, utilizando-se os mecanismos e

tecnologias acessíveis. Era necessário gerenciar e controlar o grande volume de informação, estocar e caracterizar seu conteúdo, priorizar o seu uso de acordo com as diferentes comunidades informacionais e promover uma divulgação seletiva e retrospectiva para evitar a duplicação do esforço de pesquisa e permitir que a sociedade conhecesse os avanços que haviam sido efetivados (BARRETO, 2002, p. 17-18).

Durante seus mais de 60 anos de existência e evolução, a Ciência da Informação vem construindo seu campo interdisciplinar e sua epistemologia a partir do surgimento de diferentes correntes de estímulos a debates que transitam entre seu estatuto e “autonomia científicas”, perpassando pela sua “fidelidade” a sua pedra fundamental (*informação para o conhecimento*), até seus *links* interdisciplinares, que entre um evento e outro vamos tentando incorporar.

Para melhor conceituação do domínio de construção do objeto da Ciência da Informação, incorporamos à sua definição quatro aspectos principais: os estratos da ação de informação; suas assimetrias e interfaces; as modalidades da ação de informação; os sujeitos das ações de informação; os encaixes e enfeixamento entre as ações de informação e os regimes de informação (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 2003, p. 32).

Contudo, ainda assim não podemos considerá-la uma ciência acabada ou completa, necessitando de fundamentos teóricos que delineiem seu horizonte científico a partir da investigação dos conhecimentos que a permeiam.

Se a ciência da informação se considera ciência, ela tem que aprender que tal ciência seria estabelecida (junto com outras como a ecologia) como um protótipo de uma ciência nova ou pós-moderna. A ciência pós-moderna não é como a ciência clássica, impulsionada pela busca da compreensão completa de como o mundo funciona, mas pela necessidade de desenvolver estratégias para resolver, em particular, os problemas causados pelas ciências e tecnologias clássicas (WERSIG, 1993, p. 229, tradução nossa).

Destarte, o desenvolvimento das tecnologias de informação e comunicação nos colocou diante da ‘informação e conhecimento’ como recursos potencializadores da nova formação social global, “privilegiada” pelo poder de provocar mudanças profundas nos diversos setores da sociedade (político-econômico; cultural; informacional; jurídico; educacional etc.).

Nesse contexto, podemos pensar, então, numa Ciência da Informação que busque a pesquisa que de algum modo resolva os problemas informacionais da sociedade contemporânea. Dentre os potenciais problemas informacionais dessa sociedade, chamada por Castells (1999) de ‘sociedade em rede’, àqueles referentes à gestão da informação em instituições e organizações são de fundamental importância para seu efetivo desenvolvimento. Por ser a informação um insumo primordial para os contextos organizacionais, torna-se primordial entender seu processo de gerenciamento para fins de disseminação. Assim, coletar, selecionar, analisar, organizar, otimizar seu fluxo e disponibilizá-la para avaliação e uso, passou a ser um dos principais desafios da sociedade contemporânea.

Quando Otlet (1934) e Bush (1945), cada um a sua maneira, demonstraram a possibilidade de tratamento da informação quanto a armazenamento, organização e acesso, acabaram por viabilizar o seu gerenciamento, evidenciando assim a sua importância para sociedade. Deste modo, podemos considerar a atividade de *gestão* como um conjunto de processos que englobam ações de [...] planejamento, organização, direção, distribuição e controle de recursos de qualquer natureza, visando à efetividade de determinado sistema, produto ou serviço (MARCHIORI, 2002, p. 74).

3 DIÁLOGO COM A GESTÃO DA INFORMAÇÃO

O termo “gestão de informação” propriamente dito surge com força na década de 1980, sendo seus principais precursores a Inglaterra e os Estados Unidos. O propósito principal era, e ainda é, gerenciar a informação como recurso estratégico. Este ganha logo uma série de outros atributos, adquirindo nuances de poder incondicional após a popularização dos microcomputadores e desenvolvimento das TIC. O campo da Ciência da Informação emerge e se desenvolve como Ciência tendo como um dos focos de interesse o impacto desse desenvolvimento tecnológico na sociedade.

Seguindo o mesmo raciocínio, González de Gómez (1999a, p. 69) afirma que a gestão da informação envolve o “planejamento, instrumentalização, atribuição de recursos e competências, acompanhamento e avaliação das ações de informação” e seus desdobramentos em sistemas, serviços e produtos. A partir disso,

[...] a gestão da informação deve incluir, em dimensões estratégicas e operacionais, os mecanismos de obtenção e utilização de recursos humanos, tecnológicos, financeiros, materiais e físicos para o gerenciamento da informação e, a partir disto, ela mesma ser disponibilizada como insumo útil e estratégico para indivíduos, grupos e organizações (MARCHIORI, 2002, p. 74).

Seja no ambiente governamental, institucional ou virtual, a informação continua sendo o ponto crucial entre política e gestão.

Nesta perspectiva, a gestão estabelece a mediação entre as políticas de informação de um setor e a ação informada dos atores sociais envolvidos, sejam eles o Estado, o Governo, ou comunidades usuárias de bens e serviços de informação [...] (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 1999a, p. 69).

Nesse contexto, propomos, fundamentados em Bezerra e Pinho (2016), o entendimento da Gestão da Informação como uma nova forma de pensar, construir e se relacionar, tendo em vista o trabalho como busca do conhecimento coletivo. Configura-se, então, como uma espécie de “forma de vida, como uma rede de interações e práticas cotidianas que circunscrevem uma intersubjetividade regulada pelos usos da linguagem” (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 2009c, p. 26), em configurações complexas de exercício articulado da racionalidade, o afeto e o compromisso, no sentido de promover uma ‘cultura informacional’ no espaço construído pelos atores sociais que ali trocam experiências.

Para González de Gómez (2009), ação de informação é aquela realizada por atores sociais em suas práticas e atividades, ancoradas culturalmente numa forma de vida e geradas em comunidades epistêmicas ou configurações coletivas de relações intersubjetivas. Assim, podemos inferir que os ideais e pressupostos do conceito de *Ri* aproximam-se dos princípios e teorias basilares do conceito de Gestão da Informação.

Deste modo, entender qual a contribuição que o conceito de *Ri* pode dar ao processo de gestão de informação é de fundamental importância para a compreensão da ‘cultura informacional’ ou “forma de vida” de qualquer tipo de espaço social (organizações e instituições públicas ou privadas). Duarte, Lira e Lira (2014, p. 67) complementam, [...] como as organizações são formadas por pessoas, e elas são as detentoras do conhecimento, o que diferencia uma organização de outra é como esse conhecimento é percebido, valorizado, utilizado, enfim, gerenciado. Ainda conforme os autores (2014, p. 68),

[...] para alcançar esse objetivo, mencionam a necessidade de promover uma cultura positiva para desenvolver programas de identificação, conservação, organização, compartilhamento e uso eficaz dos recursos de informação e do capital intelectual de seus membros com o apoio de TIC.

Dessa forma, acreditamos existir uma relação profunda entre os conceitos de *Ri* e de Gestão da Informação. E o ‘elo’, amálgama ou interface principal entre tais conceitos, pode ser evidenciado principalmente a partir da análise da cultura informacional da organização estudada. Sendo ela estabelecida principalmente através das ações de informação dos indivíduos que a compõem. Assim, podemos inferir que a cultura informacional imprime ou caracteriza também o *Ri* da organização, condicionando sua gestão. Portanto, sugerimos uma aproximação entre os conceitos de *Ri* proposto por González de Gómez (2003) e o conceito de “cultura informacional” proposto por Choo (2003). Ou seja, se o *Ri* é fruto das ações de informação entre seus atores, de sua forma de vida, de sua cultura informacional, então tal regime acaba por influenciar ou contribuir para a gestão da informação dessa organização ou espaço social.

4 A DISCUSSÃO CONTINUA

Para Choo (2003), tudo aquilo que de alguma forma defina o uso da informação por parte de uma instituição, organização ou empresa, como padrões, normas, regras e valores socialmente aceitos e compartilhados, pode ser chamado de cultura informacional. Ou seja, o comportamento informacional de uma instituição é geralmente “moldado” por regras, modelos e normas aceitos pelo coletivo inteligente que ali executa suas atividades. Ainda conforme Choo (2003), é a partir dessa aceitação coletiva perante regras e valores que se manifesta a cultura e comportamento informacional de uma instituição, organização ou empresa.

Comparando essa descrição de Choo (2003) ao conceito de *Ri*, este último proposto por González de Gómez (2003), especificamente no que concerne à ação de informação formativa, entendida pela autora como uma “forma de vida”, ou seja, uma cultura informacional; percebemos a aproximação conceitual entre os dois termos.

Segundo Woida e Valentim (2006, p. 40), podemos entender a cultura informacional “como um conjunto de pressupostos básicos compostos por princípios, valores, crenças, ritos e comportamentos positivos” em relação à construção, socialização, compartilhamento e uso de dados, informação e conhecimento no âmbito corporativo.

Portanto, a cultura informacional é uma construção conjunta e compartilhada de elementos, quais sejam os valores, as normas, os ritos, os mitos, as crenças, enfim, é a ideologia que alicerça a organização. É dela que se extrai o padrão de comportamento, considerado mais correto, para socializar os indivíduos, em certos aspectos impondo ou induzindo, em outros retirados como produto da relação social, a atuarem na mesma orientação e objetivos da organização, bem como na relação com as TICs, na produção e uso de informação e conhecimento (WOIDA; VALENTIM, 2006, p. 8).

Para Woida (2008), a ação de compartilhar informação é um mecanismo social, e como tal, deve ser incentivada de forma a integrar a cultura informacional de uma instituição. Nesse sentido, “a gestão da informação envolve o planejamento, instrumentalização, atribuição de recursos” (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 1999b, p. 69) e competências, acompanhamento e avaliação das ações de informação e seus desdobramentos em sistemas, serviços e produtos.

A falta de uma dita cultura informacional apropriada e uma ampla visão da importância dos processos e fluxos de informação para as organizações em geral, podem gerar dificuldades

na forma e nos meios como os sujeitos analisam, coletam, organizam, processam, disseminam e usam a informação objetivamente (ALVES, 2014a). Tais barreiras ou dificuldades inviabilizam todo e qualquer projeto de Gestão de Informação. Daí a importância de fomentar práticas eficazes direcionadas ao ambiente organizacional que favoreçam a capacidade de aperfeiçoar a cultura informacional com o intuito de dinamizar o processo de gestão. Para Woida (2008, p. 82), verificar os fundamentos da cultura informacional é indispensável para compreender quais são os elementos e processos que a constituem e “surgem frequentemente nas definições sobre cultura organizacional, aparecendo mais timidamente nas definições sobre a cultura informacional”.

Considerando os resultados da nossa reflexão, acreditamos que o uso decisório e estratégico da informação seja fator imprescindível para Gestão da Informação, no contexto político-governamental e de organizações econômico-sociais, servindo de base para o fomento de novas políticas de informação.

Destarte, esperamos contribuir para a discussão no tema, com o intuito de analisar a construção de espaços sociais na perspectiva de *Ri*, observando situações e processos que propiciem o desenvolvimento de competências para gestão da informação, e a consequente apropriação do conhecimento técnico-científico em benefício da construção de uma inteligência coletiva.

E concluímos, lembrando que as ações de informação são apenas um dos elementos que compõem ou configuram um *Ri*. Nossa pesquisa buscou contribuir de forma mais significativa abordando as “ações de informação”. Os demais elementos (atores, dispositivos e artefatos) encontram-se abertos à pesquisa. Propomos, aos pesquisadores interessados na área, “saboreá-los”!

REFERÊNCIAS

ALVES, C. A. **O estilo do processo de informação gerado no ambiente de uma universidade pública**: contribuição para a definição da cultura informacional. 2014. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Departamento de Ciência da Informação, João Pessoa, Universidade Federal da Paraíba, 2014a. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/3961>. Acesso em: 10 abr. 2016.

BARRETO, A. A. A condição da Informação. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 16, n. 3, p. 67-74, 2002. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392002000300010. Acesso em: 26 maio 2020.

BORKO, H. Information science: what is this? **American Documentation**, v. 19, p. 3-5, 1968. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1002/asi.5090190103>. Acesso em: 26 maio 2020.

BUSH, V. As We May Think. **The Atlantic Monthly**, Boston, p. 112-124, 1945. Disponível em: [http://worrydream.com/refs/Bush%20-%20As%20We%20May%20Think%20\(Life%20Magazine%209-10-1945\).pdf](http://worrydream.com/refs/Bush%20-%20As%20We%20May%20Think%20(Life%20Magazine%209-10-1945).pdf). Acesso em: 29 jun. 2020. (Texto condensado).

CASTELLS, M. **A sociedade em rede**: a era da informação: economia, sociedade e cultura. São Paulo: Paz e Terra, 1999. v. 1.

CHOO, C. W. **A organização do conhecimento**: como as organizações usam a informação para criar significado, construir conhecimento e tomar decisões. São Paulo: SENAC, 2003.

COLLINS, H. M.; KUSH, M. **The shape of actions: what humans and machines can do.** Cambridge, Mass: MIT Press, 1999.

DUARTE, E. N.; LIRA, S. L.; LIRA, W. S. Gestão do Conhecimento: origem, evolução, conceitos e ações. *In: DUARTE, E. M. et al. (org.). Da informação à auditoria do conhecimento: a base para a Inteligência Organizacional.* João Pessoa: Editora da UFPB, 2014. Cap. 1, p. 269-308.

FOSKETT, A. C. **A abordagem temática da informação.** São Paulo: Polígono; Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1973.

FREIRE, I. Refletindo sobre ações de informação no laboratório de tecnologias intelectuais - Lti. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 21, n. 4, p. 78-96, dez. 2016b. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-99362016000400078&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 18 jun. 2020.

FREIRE, I; FREIRE, G. H. Ações de Informação para educação e trabalho no Laboratório de Tecnologias Intelectuais – Lti. *In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO*, 16., 2015, João Pessoa. **Anais [...]** João Pessoa: UFPB, 2015. Disponível em: <http://www.ufpb.br/evento/index.php/enancib2015/enancib2015/paper/view/2661>. Acesso em: 26 maio 2016.

GONZÁLEZ DE GÓMEZ, M. N. As ciências sociais e as questões da informação. **Morpheus - Revista Eletrônica em Ciências Humanas**, [s.l.], ano 9, n. 14, 2009. Disponível em: <http://ridi.ibict.br/bitstream/123456789/117/1/GONZALEZDEGOMEZMORPHEUS2009.pdf>. Acesso em: 16 out. 2016.

GONZÁLEZ DE GÓMEZ, M. N. Escopo e abrangência da Ciência da Informação e a Pós-Graduação na área: anotações para uma reflexão. **Transinformação**, Campinas, v. 15, n. 1, p. 31-43, jan./abr. 2003. Disponível em: <http://ridi.ibict.br/handle/123456789/123>. Acesso em: 26 maio 2020.

GONZÁLEZ DE GÓMEZ, M. N. Política e gestão da informação: novos rumos. **Ciência da Informação**, v. 28, n. 2, 1999a. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-19651999000200001. Acesso em: 16 out. 2015.

GONZÁLEZ DE GÓMEZ, M. N. Da política de informação ao papel da informação na política contemporânea. **Revista Internacional de Estudos Políticos**, [s.l.], v. 1, n. 1, p. 21-32, 1999b.

GONZÁLEZ DE GÓMEZ, M. N. O caráter seletivo das ações de informação. **Informare**, [s.l.], v. 5, n. 2. p. 7-31, 1999c. Disponível em: <http://ridi.ibict.br/handle/123456789/126>. Acesso em: 10 abr. 2015.

LÉVY, P. **Inteligência Coletiva: por uma antropologia do ciberespaço.** Edições Loyola, São Paulo, Brasil, 1999a.

MARCHIORI, P. Z. A ciência e a gestão da informação: compatibilidades no espaço profissional. **Ciência da Informação**, v. 31, n. 2, maio/ago. 2002. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-19652002000200008&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 26 maio 2020.

OLIVEIRA, M. de. Origens e evolução da Ciência da Informação. *In*: OLIVEIRA, M. de. **Ciência da Informação e Biblioteconomia: novos conteúdos e espaços de atuação**. Belo Horizonte: EdUFMG, 2005. Cap. 1, p. 9-28.

OTLET, P. **Traité de Documentation: le livre sur le livre: théorie et pratique**. Bruxelles: Editiones Mundaneum. 1934.

SARACEVIC, T. Ciência da Informação: origem, evolução e relações. **Perspectivas em Ciência da Informação**. Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 41-62, jan./jun. 1996. Disponível em: <http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/235>. Acesso em: 26 maio 2020.

WERSIG, G. Information science: the study of postmodern knowledge usage. **Information Processing & Management**, [s.l.], v. 29, n. 2, 1993.

WOIDA, L. M. **Cultura informacional voltada para à inteligência competitiva organizacional no setor de calçados de São Paulo**. 2008. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Estadual Paulista: Faculdade de Filosofia e Ciência, São Paulo, 2008. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/93619>. Acesso em: 16 jun. 2020.

WOIDA, L. M.; VALENTIM, M. L. P. Cultura organizacional/cultura informacional: a base do processo de inteligência competitiva. *In*: VALENTIM, M. L. P. *et al.* **Informação, conhecimento e inteligência organizacional**. Marília: FUNDEPE Editora, 2006. p. 25-43.